

# PRIMAVERA DE INTERPRETAÇÕES: UMA PROPOSTA DE EXEGESE PARA OS TEXTOS BÍBLICOS DE RICHARD BAUCKHAM

Spring interpretations:  
A proposal of exegesis for the biblical texts of Richard Bauckham

Profa. Dra. Elisa Rodrigues<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora

## Resumo

Neste *paper* traçaremos em linhas gerais uma discussão que vem sendo empreendida desde 1998 e que parte da obra intitulada *Gospels for All Christians: Rethinking the Gospel Audiences*, de Richard Bauckham. Em primeiro lugar, apresentaremos as teses centrais que sustentam a hipótese do autor, em segundo lugar, esboçaremos algumas críticas e acentuaremos em terceiro lugar, a crítica mais elaborada feita por David C. Sim, em 2001. Finalmente, nos propomos a discutir a hipótese de Bauckham à luz de conceitos das ciências sociais.

**Palavras-chave:** Interpretação bíblica, Hermenêutica dos Evangelhos, Richard Bauckham, Cristianismo antigo.

## Abstract

In this paper we will outline a discussion that has been undertaken since 1998 and that part of the work entitled *Gospels for All Christians: Rethinking the Gospel Audiences* by Richard Bauckham. In the first place, we will present the central theses that support the author's hypothesis. Secondly, we will sketch some criticisms and emphasize, in the third place, the more elaborate criticism made by David C. Yes in 2001. Finally, we propose to discuss the hypothesis of Bauckham in the light of social science concepts.

**Keywords:** Biblical Interpretation, Hermeneutics of the Gospels, Richard Bauckham, Ancient Christianity.

## O ideal do método: ciência como vocação nos estudos bíblicos

Nos estudos bíblicos a noção de ciência está imbuída, ainda, de certo sentimento religioso que busca rigorosamente a única verdade revelada na palavra de Deus escrita. Neste sentido, os estudos da literatura bíblica que envolvem a exegese e a hermenêutica são marcados por uma dimensão positivista que se propõe a explicar as questões do mundo bíblico por meio da observação do problema (de fora) e das situações, a fim de que com um método (neutro) se descubra leis ou princípios efetivos (sucessão e similitudes).

---

<sup>1</sup> Professora do Doutora do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Posteriormente, a escola alemã prosseguiu neste projeto e com Weber na área de economia e sociologia, considerou que o trabalho científico necessita de uma ideia precisa que oriente a formulação de hipóteses, mais “a inspiração” que só ocorre após esforço profundo<sup>2</sup>. Weber admite a ideia de que o especialista precisa ser diletante, mas adverte que ao apaixonado não resta muita coisa após o êxtase, assim:

Se a inspiração não substituiu o trabalho, este, por seu lado, não pode substituir, nem forçar o surgimento da intuição, o que a paixão também não pode fazer. Mas o trabalho e a paixão fazem com que surja a intuição, especialmente quando ambos atuam ao mesmo tempo<sup>3</sup>.

Embora essas noções possam nos parecer distantes é necessário esclarecer que a exegese bíblica e a hermenêutica que são comumente usadas nos círculos acadêmicos foram incrustadas pelo ideal científico. Assim, os métodos de exegese que temos à disposição são, em geral, voltados para a interpretação do texto como elemento que conduz à determinada realidade histórica. Deste modo, o texto é o objeto que traz a verdade sobre acontecimentos e eventos passados e, o encontro com a intenção do autor fatalmente pode conduzir o intérprete à audiência do texto que está “por trás” da redação.

A ideia de Richard Bauckham é propor uma nova metodologia de aproximação do texto bíblico e basicamente para isto, ele propõe que os evangelhos são um tipo de produção cultural que está “em aberto”. Sua hipótese central é que os evangelistas no processo de redação do texto não se dirigiram à audiências específicas, mas a conjuntos de leitores mais amplos, que formavam uma rede de comunidades cristãs. Assim como todos os acadêmicos, Bauckham demonstrou por meio de sua proposta que sua reflexão é fruto de seu tempo, pois buscou o equilíbrio entre a clássica escola de estudos bíblicos e as tendências pós-modernas do debate hermenêutico contemporâneo.

### **A pesquisa bíblica nas últimas décadas**

Neste ponto, gostaríamos de traçar um mapa geral sobre a metodologia de pesquisa bíblica herdada do século XX. Da Inglaterra (1924) se destaca a proposta B. H. Streeter. Seu título mais famoso é *The Four Gospels: A Study of Origins*. Para esse autor, o ponto principal era que os quatro evangelhos teriam sido originados a partir de certo centro maior

---

<sup>2</sup> Cf. WEBER, Max. “Ciência como vocação”, In: **Ciência e Política**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, p. 25.

<sup>3</sup> Idem, p.26.

do cristianismo. Isso explicaria o prestígio dos quatro textos e sua consequente canonização: tratava-se de uma coleção reconhecida por toda a igreja.

Posteriormente a academia alemã, representada pela escola da Crítica das Formas, formulou o conceito de comunidade “por trás” do evangelho e formulou o entendimento de que se o *Sitz im Leben* (situação vivencial) de uma comunidade pudesse ser bem compreendido e, assim, o texto (evangelho que a comunidade produziu) seria lido corretamente. Martin Dibelius, um dos primeiros mais importantes críticos da forma, definiu *Sitz im Leben* como o estrato histórico e social em que precisamente aquelas formas literárias foram desenvolvidas em 1934.

Já em 1969, Willi Marxsen foi o primeiro a introduzir três *Sitze im Leben*: (a) O Jesus Histórico (a situação de atividades de Jesus). (b) A crítica das formas (a situação da igreja primitiva). (c) A crítica da redação (a situação do evangelista na criação do Evangelho).

Assim, as décadas de 60 e 70 do século XX testemunharam uma onda de estudos nos evangelhos que se preocupou com a situação das comunidades subjacentes a cada texto. Eventualmente eram usados alguns métodos da área das ciências sociais para a reconstrução das comunidades subjacentes aos evangelhos. Destacamos uma conhecida obra que utilizou a sociologia para compreender e reconstruir o painel cultural da origem cristã: *Sociologia do movimento de Jesus*, de Gerd Theissen, publicado pela primeira vez no Brasil em 1977. Obviamente, existem muitos outros trabalhos que empregaram essa metodologia, mas o que Bauckham destaca é que de tais estudos explodiram uma série de conclusões e resultados diferentes.

Aqui se baseia um dos pilares da crítica de Bauckham e também seu calcanhar de Aquiles. O autor critica a diversidade de reconstruções, mas propõe que os evangelhos são textos abertos. Essa é uma contradição fundamental de sua proposta que veremos mais adiante. Por hora é necessário entender que a insatisfação de Bauckham se alimenta das próprias controvérsias surgidas entre os pesquisadores da Bíblia.

Em 1979, Luke Timothy Johnson criticou a reconstrução da comunidade de Lucas. Para Johnson, descrições gerais dos leitores fazem injustiça ao texto e destroem o sentido e a intenção literária. Em 1988, Dale Allison argumentou que o termo “comunidade lucana”, por exemplo, não deveria ser usado para o evangelho de Lucas. No volume que trata das apropriações para reconstrução da comunidade mateana (Balch 1991), Jack Dean Kinsbury concedeu uma surpreendente advertência sobre tal prática metodológica. Kinsbury admitiu que “o texto em si mesmo não é observado como o interesse primário, mas como um

veículo para recepção de outra coisa, em outras palavras, a situação social da comunidade” (1991)<sup>4</sup>.

Em 1992, Graham Stanton, no livro *A Gospel for a New People*, discutiu a possibilidade de se descobrir a comunidade mateana, a partir do próprio texto de Mateus. Ele admitiu que a reconstrução sobre essas linhas pode exigir muito da imaginação disciplinada do historiador. Posteriormente, Stanton mostrou que alguns dos mais recentes trabalhos sobre outros primeiros escritos cristãos podiam ser considerados “lembranças” (pistas) do ambiente de Mateus, traçando possíveis contextos de dentro do judaísmo e dos primeiros cristianismos. Para Stanton, a chave metodológica é: notar que o evangelho não é uma carta, visto que uma carta não fornece janelas claras sobre a situação social dos receptores.

Ainda em 1992, Frederik Wisse argumentou em um artigo intitulado “Historical Method and the Johannine Community”, que a hipótese usada para determinar as circunstâncias históricas da composição do evangelho de João através de dados indiretos é altamente problemática. Wisse denominou impressionante que os estudiosos dos evangelhos classificassem essa literatura como única e transparente quanto à situação histórica das comunidades. Para ele, esse tipo de abordagem e prática metodológica revela que os estudiosos têm dificuldade de enfrentar o desapontamento que as conclusões foram justificadas por evidências muito limitadas e interesses próprios.

Bengt Holmberg (1990) comentou que o postulado de uma correlação completa e positiva entre um texto e o grupo social que transmitiu e recebeu esse texto é implausível. Ler as narrativas do evangelho como se fossem alegorias da forma de vida de cada igreja é um tanto sem imaginação. Finalmente, Stephen Barton chama de “explosão de interesse” essa corrente de estudo do Novo Testamento. Tais abordagens que desenvolvem ênfases teológicas sobre a igreja e as comunidades subjacentes aos evangelhos podem ser inapropriadas<sup>5</sup>.

### **A hipótese de Richard Bauckham e suas teses centrais**

O ano de 1998 para a pesquisa bíblica foi marcado por profundas mudanças quanto aos paradigmas de interpretação dos evangelhos. Nesse ano Richard Bauckham publicou uma coleção de ensaios em que propôs uma nova e radical forma de se interpretar os

---

<sup>4</sup> Cf. KLINK, Edward W. “The Gospel Community Debate: State of the Question”. In: *Currents in Biblical Research 3.1* (2004): 64.

<sup>5</sup> Idem, p.65.

evangelhos e seus escritores. Segundo Bauckham, os quatro evangelhos foram escritos não por comunidades locais e particulares, antes, foram produzidos por um amplo conjunto de leitores cristãos que tencionavam a circulação desses escritos por todas as igrejas. De acordo com essa hipótese, os estudiosos que postulavam a existência de quatro comunidades cristãs subjacentes aos evangelhos estavam errados, assim como todas as exegeses que propunham re-construir as comunidades dos evangelhos a partir dos próprios textos. Em outras palavras, as designações “comunidade mateana”, “comunidade marcana”, “comunidade lucana” e “comunidade joanina” perderam seu sentido e desvaneceram sem fôlego.

A hipóteses de Bauckham tem despertado muitas críticas desde a publicação de seu livro, mas alguns estudiosos, dentre eles David C. Sim, concordam que sua contribuição mais importante e polêmica está registrada no seu primeiro capítulo intitulado *For Whom Were Gospels Written?* (Para quem foram escritos os evangelhos?). Neste capítulo, Bauckham oferece uma detalhada explicação sobre sua hipótese de interpretação alternativa. Como dito anteriormente, o autor refuta a tese de que cada evangelho foi escrito para um grupo específico e considera que é mais provável que os evangelhos tenham sido escritos para comunidades em geral, por onde circulavam essas tradições. Assim, as lideranças não eram específicas, mas indefinidas. Todos os cristãos das comunidades eram importantes nesse processo e de tais construções surgiram quatro tradições posteriormente compiladas<sup>6</sup>.

Tais conclusões são especialmente importantes à medida que exigem que todas as reconstruções das comunidades dos evangelhos sejam re-visitadas. Para o autor, em outras palavras, Mateus não dialogava com judeus cristãos em conflito com o movimento do judaísmo formativo (tese de J. Overmann, 1991) tampouco Lucas escreveu para gentios convertidos ao cristianismo. Essas mudanças de paradigmas mudam radicalmente a compreensão que temos disponível atualmente. Para Bauckham, enquanto se discute exaustivamente o background das audiências específicas de cada evangelho, não tem sido discutida a natureza das audiências e outras questões mais importantes que passam despercebidas.

Como dito anteriormente, é no primeiro capítulo de seu livro *For Whom Were Gospels Written?* (pp.9-49) que Bauckham oferece de modo claro seu ataque à metodologia

---

<sup>6</sup> Conforme Boyarin, no judaísmo proto-rabínico a univocidade no pensamento era considerada espécie de heresia. Assim, as discordâncias e as divergências que constaram posteriormente na literatura rabínica são frutos do processo sócio-cultural a que foram condicionadas. No cristianismo, ao contrário, a univocidade sempre foi pretendida. Por isso, os escritos e as interpretações dos textos teriam sido harmonizados.

consensual e relata em detalhes sua hipótese alternativa. Os maiores argumentos apresentados pelo autor seguem a seguir, brevemente resumidos.

1. Bauckham aceita que os evangelhos foram escritos por cristãos, mas sustenta que eles eram designados para todas as comunidades cristãs em que tais textos pudessem circular (pp.10-11). O ponto favorável deste argumento é que o autor se apóia na noção de inter-relacionamento entre os evangelhos sinóticos. Assim, se Mateus e Lucas seguem Marcos pode-se admitir que o último circulava livremente entre as comunidades e, por isso, foram incorporados pelos outros evangelhos. Para Bauckham isso indica que Mateus e Lucas tinham conhecimento desse texto e de sua aceitação entre os grupos de cristãos, porém, seria improvável que ambos tivessem escrito seus evangelhos para suas próprias comunidades. (pp. 12-13).

Bauckham, então, apresenta análise em que demonstra que os estudos recentes sobre os evangelhos e suas comunidades têm sido meramente aceitos e nunca sustentados por meio de análises detalhadas. Ele aponta que a abordagem que ressalta os evangelhos como produções de comunidades independentes e locais foi promovida por B. H. Streeter (1924) e afirma certa confusão entre as comunidades em que os evangelhos foram escritos e os leitores implícitos dos evangelhos. Essa abordagem oferecia reconstruções das comunidades dos evangelhos a partir dos próprios textos sem notar o contexto histórico e social mais amplo em que estavam inseridos (pp.15-19). Uma forte característica desta pesquisa é que os evangelhos eram lidos como alegorias das quatro comunidades (pp.19-20). Bauckham sublinhou que essa metodologia proporciona diferentes reconstruções das comunidades e que tal diversidade de conclusões “lança dúvidas substanciais” em todo o projeto. (p.20)

2. Para Bauckham muito pouco dos evangelhos pode ser identificado como aplicável a uma comunidade cristã singular. É provável que, na visão consensual, se a comunidade mateana ou joanina fosse afetada por algo, outras comunidades também o fossem. (pp.22-24) Mas Bauckham apresenta uma objeção para este argumento: mesmo que se aceite que as situações pressupostas nos evangelhos foram relevantes para outros grupos cristãos, elas não seriam aplicáveis a todas as igrejas. Bauckham afirma que os evangelistas não consideravam que todos aspectos de seus textos pudessem ser relevantes e encorajadores para cada leitor. Mas consideraram que seus escritos poderiam ser úteis e de interesse para as igrejas onde esse tipo de produção não existia. (pp.24-25). O ponto inicial de Bauckham é que a pesquisa bíblica tem se apropriado dos evangelhos como se eles fossem

cartas paulinas. Desde que as epístolas eram dirigidas a comunidades locais e assuntos particulares, os acadêmicos assumiram que os evangelhos tinham a mesma proposta. Bauckham insiste que esse é um argumento inválido porque o gênero dos evangelhos se assemelha às antigas biografias greco-romanas (*bios*) que provavelmente se dirigiam a grupos maiores de audiência. (pp.27-28). Além disso, Paulo usava esse gênero quando estava distante das comunidades. Quando estava presente, comunicava oralmente aos membros. Este ponto, em especial, tem um grande impacto sobre a interpretação comum: por que os evangelistas escreveriam, já que viviam junto às comunidades, se podiam simplesmente falar aos seus companheiros e, assim, comunicarem suas mensagens particulares? Para Bauckham a escrita era empregada para a comunicação com grupos que estavam distantes. Assim, os livros foram designados a circular amplamente e serem lidos por pessoas completamente desconhecidas do autor. (pp.28-30)

3. O último estágio do argumento de Bauckham se concentra na natureza do movimento cristão. Este movimento não era, como alguns acadêmicos sugerem, uma coleção de igrejas isoladas e independentes, ao contrário, era uma rede de comunidades que tinha como característica a movimentação freqüente e dinâmica. Esse quadro evidencia que os evangelistas, provavelmente, também se movimentavam entre as igrejas e tinham uma visão ampla do mundo. As igrejas mantinham correspondência entre os I e II séculos e esses contatos podem ser confirmados pelas evidências de Papias, Inácio de Antioquia e o *Pastor de Hermas* (pp.38-43), além da diversidade e dos conflitos nos movimentos cristãos proporcionados por aqueles que defendiam suas interpretações como corretas em detrimento de outras.
4. Bauckham conclui com algumas observações hermenêuticas: (a) As assim chamadas comunidades subjacentes aos evangelhos não tinham real influência sobre a elaboração dos evangelhos. Portanto, não é possível falar a respeito de comunidade mateana, comunidade marcana e assim por diante. (b) O desafio não é somente perceber que os leitores implícitos dos evangelhos não eram somente das igrejas locais e sim um grupo mais amplo. Os evangelistas compuseram seus textos para cada e qualquer igreja que tivesse contato com essa literatura. (c) Essa hipótese não exclui o conhecimento de qualquer contexto histórico. Ela significa que o contexto é o I século do movimento cristão em geral e não a comunidade

particular do evangelista. (p.46). (d) Tal entendimento da proposta dos evangelhos não é coerente com a maneira em que esses textos têm sido lidos. Os leitores das cartas de Paulo de todos os períodos da história têm entendido a relevância hermenêutica das particulares igrejas paulinas para avaliar as cartas, mas ninguém dentre os acadêmicos do século XX pensou que a interpretação de Mateus depende de certo entendimento anterior à comunidade de Mateus (p.47). (e) Essa hipótese não exige que a diversidade de visões e identidades contidas nos evangelhos seja subestimada. Mas isso não significa que eles tenham sido escritos por grupos cristãos particulares. “Simplesmente significa que os evangelistas desejaram apresentar suas visões teológicas e cristológicas distintivas para aqueles cristãos que estavam envolvidos com seus textos”. (pp.47-48).

Bauckham joga sua última carta ao acusar a academia de estudos bíblicos de estar cheia de pretensões que estão fora da especificidade histórica. Assim, as suas interpretações lêem os evangelhos como “textos fechados” quando são “abertos” e possuem um conjunto de leitores indeterminados e como resultado disso, os textos têm o sentido mais aberto para seus reais leitores, participantes na produção do sentido.

### **Panorama sobre as recepções e críticas à proposta de Bauckham**

Um dos primeiros a criticar Bauckham foi o seu colega Philip Esler (1998). Basicamente Esler disse ser um fracasso Bauckham não ter considerado a distância cultural entre o intérprete moderno e os leitores do I século. Esler afirmou que o discurso só pode ser entendido a partir dos contextos sociais particulares e só podem ser resgatados pelos estudiosos quando os mesmos fazem uso das pesquisas disponibilizadas pelas ciências sociais. Ainda argumentou que a familiaridade com os dados antigos que Bauckham possui não é suficiente se tais dados forem interpretados a partir dos modelos norte-americanos de entendimento do mundo<sup>7</sup>.

Outra crítica a Bauckham foi publicada num comentário ao evangelho de Marcos elaborado por Joel Marcus (2000). Segundo Marcus, a tese que vê em primeira instância as comunidades individuais subjacentes aos evangelhos é um entendimento contraditório da natureza dos escritos e do uso dos documentos na Antigüidade. Para Marcus, Bauckham pode estar correto quanto à especulação de que Marcos esperava que seu evangelho,

---

<sup>7</sup> Cf. KLINK, Edward W. “The Gospel Community Debate: State of the Question”. p. 65.

eventualmente, fosse lido por uma audiência mais ampla e esse desejo pode explicar corretamente a apropriação de Mateus e Lucas. Mas é também provável que tenha intencionado que seu evangelho fosse usado como ferramenta pela igreja local.

No mesmo ano, Dwight N. Peterson em *The Origins of Mark: The Markan Community in Current Debate* (2000), sua tese doutoral, entrou no debate sobre as comunidades dos evangelhos. Embora a pesquisa de Peterson tenha sido publicada antes do trabalho de Bauckham, ele se apropria dos princípios hermenêuticos usados pelos proponentes do método interpretativo supracitado. Peterson argumentou que essa prática de reconstrução da comunidade por trás dos evangelhos é um meio de alcançar o “controle interpretativo”, por isso, usa uma estratégia particular para executar resultados desejados. A crítica de Peterson é dirigida à reconstrução da comunidade marcana elaborada por Werner Kelber (1974;1979), Howard Clark Kee (1977) e Ched Myers (1988). Após ter feito uma discussão dos métodos usados por esses autores para a reconstrução da comunidade de Marcos, Peterson tece no seu quarto capítulo (A Hermeneutical Critique of the Markan Community Construction), uma lista com quatro problemas e insustentáveis hipóteses elaboradas para a construção de comunidades subjacentes aos documentos<sup>8</sup>.

Finalmente, Martin Hengel em seu livro *The Four Gospels and the One Gospel of Jesus Christ* (2000), prometeu uma versão independente da hipótese sobre a ampla audiência. Para Hengels, nenhum dos evangelhos foi escrito por uma comunidade particular. No mínimo, eles simplesmente reproduziram as visões de uma comunidade individual. Nem mesmo poderia se afirmar que os evangelistas estiveram envolvidos em uma comunidade. Segundo Hengel é preciso parar de falar automaticamente sobre a

---

<sup>8</sup> Os pontos principais de sua crítica são: (1) Os reconstrutores da comunidade marcana supõem que é possível chegar a mente do autor de Marcos de modo que se possa determinar os significados intencionados pelo autor. Peterson propõe cuidado visto que essa tentativa de definir os intentos do autor em Marcos é limitada por não sabermos realmente quem o autor foi. Peterson argumenta que a intencionalidade de um documento não é a base da interpretação, mas o resultado. (2) Os reconstrutores da comunidade de Marcos supõem conhecer as condições da audiência original e que essa audiência, de algum modo, é constitutiva do significado do texto. Eles acreditam que partem do contexto para o texto quando na verdade estão se movendo na direção contrária, posto que a comunidade subjacente a Marcos não pode ser conhecida a partir de outras fontes que Marcos, mas pode especialmente ser construída a partir do texto de Marcos. (3) A crença que as influências sobre a comunidade Marcos provém da mesma origem entende o contexto social como básico; o contexto social e histórico da comunidade controla e influencia o que é o texto. Peterson declara que o entendimento a cerca do lugar sócio-histórico necessita ser esboçado em relação à narrativa não de maneira unidirecional. A ideia de influência no evangelho de Marcos deve ser entendida como reflexo das circunstâncias sócio-históricas, mas, ao mesmo tempo Marcos também exerce influência sobre tais circunstâncias de forma dialógica (Boyarin também usa o conceito de dialogismo, de Backthim, para compreender os textos antigos). (4) O uso da comunidade de Marcos como base para a leitura de Marcos é um processo que só esconde a o real interesse do intérprete, isto é, essa prática tende a obscurecer o interesse do leitor de Marcos por trás de um filtro que alega “objetividade” histórica. A assim chamada objetividade do intérprete, que as uma comunidade reconstruída sócio-historicamente, em muitos casos, só liberta o mesmo intérprete para aplicar ao texto seu artifício metodológico desejado. Cf. KLINK, Edward W. “The Gospel Community Debate: State of the Question”. p. 67.

comunidade de Marcos, de Lucas, de Mateus e de João como a única responsável pela composição de um escrito evangelho e sua teologia<sup>9</sup>.

### **A crítica de David C. Sim**

De todos os comentários e críticas recebidas por Bauckham, sem dúvida a mais elaborada e que retrata certa defesa da tendência de pesquisa atual foi elaborada por David C. Sim.

Inicialmente David C. Sim considera que Bauckham constrói seus argumentos a partir de evidências circunstanciais, isto é, declarações sobre a natureza do movimento cristão e observações gerais sobre os evangelhos. Para ele, nenhum argumento é baseado em evidências internas dos próprios evangelhos, pois Bauckham dificilmente cita passagens de textos bíblicos na apresentação de sua tese.

Dois argumentos usados por Bauckham se concentram na natureza do movimento cristão das origens. Estas considerações gerais não demonstram que os evangelhos foram escritos para todos os cristãos, mas tem a função de estabelecer espécie de background plausível para a sua hipótese. O primeiro diz que os evangelhos foram destinados somente aos cristãos, ou seja, foram escritos para aqueles que criam em Cristo e não para os não-crentes. Assim, o mundo teria sido dividido pelos quatro evangelistas em dois grupos: cristãos e não-cristãos e, isso caracterizaria esse movimento como grupo de forte auto-consciência mundial (Cf. I Co 1:2; 9:5; I Te 2:14; I Pe 5:9; Ap 7:9-14). Sim afirma que Bauckham precisa demonstrar a partir da história do movimento cristão que seus membros se identificavam consigo mesmos e com outros cristãos, como participantes de um movimento singular e especial.<sup>10</sup>

Segundo Sim, na história do movimento cristão, ao contrário do Bauckham propõe, as décadas iniciais foram marcadas por conflitos e disputas sobre a identidade cristã entre, no mínimo, dois diferentes grupos. Em termos simples, enquanto um dos grupos entendia que os seguidores de Jesus Cristo pertenciam ao povo de Israel e deveriam seguir a Tora, o outro grupo não. A epístola aos galácios demonstra tal embate: que os observadores da Lei exigiam que os gentios se convertessem ao judaísmo e seguissem a Lei se quisessem fazer parte da comunidade cristã. Dadas as profundas divisões entre os cristãos quanto às orientações de Paulo e de Pedro, Sim considera difícil considerar o movimento cristão das origens singular e com visão mundial naquele período. Ele destaca que Bauckham é

---

<sup>9</sup> Idem, p.68.

<sup>10</sup> Cf. SIM, David C. "The Gospels for All Christians? A response for Richard Bauckham. p. 9.

consciente dessa diversidade entre os círculos cristãos, porém, parece não ter dado atenção às conseqüências de sua concessão.

À luz dessa polêmica, Sim afirma ser improvável que qualquer seguidor de Jesus tenha classificado o mundo em cristão ou não-cristão simplesmente e isto acarreta outras implicações para a posição de Bauckham quanto às intenções dos evangelistas.<sup>11</sup> Em função desse argumento, deveríamos admitir que os evangelistas escreveram apenas para os cristãos que seguiram suas tradições particulares.

Outro argumento contrário à tese de Bauckham, que Sim destaca, está relacionado à mobilidade entre os círculos cristãos. Sim concorda que o mundo greco-romano tenha facilitado as condições de viagens e de comunicação para os cristãos, que fizeram uso disso. Todavia, Sim afirma que a atenção sobre os séculos I e II pode evidenciar que não havia substancial movimento entre todo o mundo cristão, mas que havia contato entre as igrejas, restritas nas mesmas áreas: “Nossas fontes sugerem que as facções cristãs oponentes tinham pouco contato umas com as outras”.<sup>12</sup> Sim considera, conforme o testemunho das epístolas paulinas, que entre as igrejas de Paulo estabelecidas na Grécia e na Ásia Menor (50 EC) havia mobilidade e comunicação. Essas igrejas mantinham atividades de cooperação e contato, intermediadas por Paulo e seus cooperadores. Sim pergunta: “Mas nós deveríamos transferir essa situação particular para o restante do mundo cristão? As evidências sugerem que não. Novamente, o maior assunto é a divisão entre as posições dos primeiros cristãos”.<sup>13</sup> Essa divisão é bem retratada pelas cartas paulinas (Cf. Gl 2:1-14; Fp 3:2-11; Rm 15:30-31)<sup>14</sup>. Além disso, elas também providenciam outra evidência que depõe contra Bauckham. As cartas mostram que Paulo não teve contato com outros grupos cristãos de Jerusalém, Antioquia, Síria ou Norte da África, antes de ter considerado sua missão completa na Grécia e Ásia Menor (Cf. Rm 15:23). Do outro lado, Bauckham apela para as cartas de Inácio de Antioquia que só foram escritas, provavelmente, no II século:

Em suas cartas não há menção de qualquer contato, sem falar na comunicação fechada, com os cristãos que viveram na direção do oeste e Antioquia ou aquelas igrejas no norte da África. Nós estamos então tratando com uma larga rede de igrejas semelhantes

---

<sup>11</sup> Idem, p.10.

<sup>12</sup> “Our sources strongly suggest that the rival Christian factions had little contact with one another”, Cf. SIM, David C. Idem, p.11.

<sup>13</sup> “But should we transfer this particular situation to the remainder of the Christian world? The evidence suggests that we should not. Once again the major issue here is the division within the ranks of the early Christians.”, Cf. SIM, David C. Idem.

<sup>14</sup> Cf. SIM, David C. p.12.

numa ampla, mas restrita área, e não com uma rede que cercou todo o mundo cristão.<sup>15</sup>

Quanto à mobilidade dos evangelistas entre as igrejas e das próprias comunidades, Sim responde que é possível que tenham ocorrido viagens, mas obviamente não é razoável que as igrejas se aliassem, já que havia dificuldades de entendimento entre elas. As viagens deviam acontecer entre os grupos que se identificavam. Não é possível considerar que a prática de viagem era tão comum entre as lideranças das igrejas. I Ts 5:12 mostra que Paulo designou pessoas para que cuidassem da comunidade enquanto estivesse ausente<sup>16</sup>.

Bauckham declara que os evangelhos foram escritos para todos os cristãos, mas não há evidências claras quanto a isso. As cartas paulinas, a primeira carta de Pedro e o Apocalipse, ao contrário, foram escritas para igrejas específicas. O único paralelo contemporâneo na tradição cristã que poderia ser usado para sustentar a tese de Bauckham, seria o *Pastor de Hermas* que foi claramente escrito para ser copiado e enviado para outras igrejas (2.4.3). Mesmo assim esse documento depõe contra Bauckham sob dois aspectos:

- (a) O próprio texto declara que foi escrito para a igreja em Roma em vista de suas necessidades particulares (cf. 2.2.6; 3.8.10; 3.9.7). Além disso, o texto foi distribuído provavelmente entre as comunidades de uma rede regional, o que é diferente da afirmação de que o documento foi dirigido para todos os cristãos.
- (b) É provável que a preocupação de se recomendar que o texto fosse reproduzido e repassado denuncie apenas que essa prática não era uma norma.

Sim retoma a discussão quanto à circulação do evangelho de Marcos e a incorporação de seus conteúdos por Mateus e Lucas. Com base nessa evidência, seria improvável que os evangelistas tenham escrito seus próprios textos somente para comunidades locais. Conforme P.F. Esler argumentou, a maneira como os evangelistas usaram Marcos se opõe a essa conclusão já que Mateus e Lucas acreditavam que Marcos estava errado em vários pontos. Por isso, teriam alterado o texto de Marcos conforme suas expectativas. Os evangelistas teriam entendido com isso que da mesma forma como discordaram de Marcos, seus escritos estariam à mercê de outros cristãos com diferentes pontos de vista<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> “There is no mention in his letters of any contact, let alone close communication, with the Christians who lived to the east and south of Antioch or those churches in northern Africa. We are therefore dealing with a large network of similar churches in a broad but restricted area, and not with a network that encompassed the whole Christian world”. Cf. SIM, David C. p.14.

<sup>16</sup> Cf. SIM, David C. pp.14-15.

<sup>17</sup> Cf. SIM, David C. p.16.

Sim discute também a alegação de Bauckham de que os “evangelhos são textos abertos que foram designados para cada e qualquer leitor cristão”. No curso de sua apresentação ele não teria explicitado muito, as suas observações hermenêuticas, mas empregou categorias de Umberto Eco para definir as epístolas como “textos fechados” e os evangelhos como “textos relativamente abertos”. No primeiro caso, os leitores implícitos interpretavam os textos de acordo com o que sabiam, o sentido era determinado. No segundo caso, se considerados textos abertos, eles proporcionavam liberdade para os leitores se relacionarem com o texto e produzirem seus próprios sentidos.

O maior problema da proposição de Bauckham é que os evangelistas estariam indiferentes a maneira como os leitores entenderiam seus textos. Sim afirma que os evangelistas tinham obviamente pontos de vista particulares com relação a Jesus e a maneira como os cristãos viveriam suas vidas, e desejavam promover suas visões particulares, de forma explícita ou implicitamente, para desacreditar os pontos de vista alternativos. Cada evangelista acreditava que a sua interpretação acerca de Jesus e seus ensinamentos, era a correta. Sim considera uma contradição de Bauckham o fato de que em um momento afirma que os evangelistas propagavam teologias próprias e distintas e, posteriormente, considera que os mesmos escritores formularam textos abertos. Mateus, por exemplo, não teria dado atenção a forma como seu evangelho seria entendido: ou Mateus desejou disseminar sua própria teologia ou, conscientemente, construiu um texto aberto a fim de que os leitores o interpretassem livremente. Para Sim, essa é uma tensão que necessita ser esclarecida.<sup>18</sup>

Uma segunda questão, que Sim denomina teórica, diz respeito ao gênero dos evangelhos que para Bauckham se assemelha às biografias greco-romanas. Sim considera isso improvável já que os biógrafos clássicos escreviam acerca de membros da elite social e esse não parece ser o caso dos evangelistas. Neste sentido, seria mais adequado considerar a tradição dos escritos cristãos posteriores. Para Sim é argumentável que tanto entre gnósticos quanto entre judeus cristãos sectários, posteriormente, seus textos foram produzidos com vistas à interpretação e orientação dos próprios grupos. Certamente essa tradição se originou dos evangelistas canônicos<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Idem, p.18.

<sup>19</sup> Um dos próprios colaboradores de Bauckham considera que os evangelhos teriam sido escritos para grupos cristãos específicos: “*it is reasonable to assume that Matthew has as his target audience [público alvo] Christians from a Jewish background who have a high regard [respeito] for the Mosaic law and who have suffered antagonism [oposição] or persecution from other Jews... On the other hand, Luke is more likely to be aiming [objetivo] to explain Jesus’ life and teaching for a Gentile market niche*”. Cf. Burridge, ‘Gospel Genre and Audiences’, p. 143.

*Sobre os evangelhos e suas comunidades.* Finalmente, Sim destaca a crítica de Bauckham à visão corrente sobre as comunidades dos evangelhos. Ele pergunta: mesmo com o fracasso de Bauckham com respeito à proposta dos evangelhos para todos os cristãos, ele teria algum mérito no seu ataque aos correntes estudos sobre os evangelhos?

De acordo com Sim, Bauckham está correto ao nos chamar a atenção para os sérios problemas que ocorrem nos estudos modernos dos evangelhos. Tais estudos presumem a existência das comunidades e não providenciam evidências de sua existência, também indicam que os evangelhos foram escritos para comunidades específicas e locais. Todavia, para Sim, mostrar a avidez desses estudiosos não é o mesmo que dizer que essas hipóteses estão erradas. É necessário reconsiderar essas hipóteses para confirmá-las ou não<sup>20</sup>.

Sim considera que a hipótese com respeito às comunidades subjacentes aos evangelhos é perfeitamente justificável. Na ausência de evidências de que os evangelistas viviam isolados, há de se assumir que eles viviam em igrejas cristãs particulares. Mesmo que viajassem periodicamente, cada um deles deve ter tido uma base permanente em algum lugar. Além disso, a produção do evangelho deve ter requerido tempo, espaço e reflexão só possíveis em uma comunidade familiar.

*Sobre a reconstrução das comunidades dos evangelhos.* Bauckham critica as reconstruções das comunidades e suas diferentes conclusões acerca dos grupos e de como se relacionavam com os evangelhos. Para ele, essa diversidade de conclusões das pesquisas recentes se assemelha a “fantasias históricas”. Sim considera comum que as reconstruções históricas, especialmente da Antigüidade, discordem entre si. Todavia, isso não significa que estejam erradas, mas que as evidências existentes podem ser interpretadas de várias maneiras. É preciso lembrar que esse não é único caso de discordância nos estudos relacionados ao Novo Testamento. Se o ponto de vista de Bauckham for tomado como lógico, então quase toda pesquisa sobre as origens cristãs e o Novo Testamento será classificada como “fantasia histórica”.

No entanto, a questão da interpretação dos evangelhos como janelas para as comunidades dos evangelhos fica em relevo. Segundo Bauckham, os evangelhos são narrativas sobre Jesus: seria possível extrair delas informações a respeito das comunidades cristãs?

Alguns estudiosos consideram que os evangelistas produziram seus textos à luz da experiência de suas próprias comunidades e de suas tradições locais acerca de Jesus. Sim considera esse um método histórico adequado. Neste sentido é possível conhecer mais a

---

<sup>20</sup> Cf. SIM, David C. p.21.

respeito das comunidades a partir dos evangelhos e suas peculiaridades. Mateus e Marcos, por exemplo, discordam radicalmente acerca da validade da Tora. Enquanto o Jesus marcano declara que todas as comidas são puras e ataca a dieta judaica (7:19), o Jesus mateano defende a validade de toda a Tora (5:17-19). A partir dessas evidências seria possível considerar que Marcos escreveu para uma comunidade cristã que não observava a Tora, enquanto Mateus escreveu para outra envolvida com a Lei.<sup>21</sup>

### **Considerações Finais**

A proposta de Bauckham expressa de modo significativo, bem como o debate que girou em torno de sua hipótese, que os estudos relacionados à pesquisa bíblica não foram enterrados pelas tendências de interpretação pós-modernas. Mas, ao mesmo tempo, revela que a academia de estudos bíblicos contemporânea não está ileso às concepções hermenêuticas atuais. Se por um lado Bauckham propõe novos paradigmas para a interpretação do texto bíblico, por outro, há reiteradas tentativas de se ressuscitar o método histórico-crítico.

De acordo com a discussão desenvolvida entre os anos de 1998 e 2004, a proposta de Bauckham é falha por não se sustentar com evidências suficientes. Sua proposição quanto à produção dos evangelhos para audiências cristãs amplas, sem intencionalidades específicas por parte dos autores e com destino à circulação por uma rede de comunidades cristãs com tendências expansionistas já no I século é de fato surpreendente. Todavia, suspende a literatura bíblica e a encerra no sétimo céu. Em outras palavras, aparentemente Bauckham não confere importância ao texto como produção cultural de um determinado período e que, portanto, pertence a determinados âmbitos históricos. Os críticos de Bauckham, especialmente, David C. Sim, re-afirmam a equidade da crítica da forma e da crítica da redação como escolas da “alta” crítica literária comprometidas com o ideal acadêmico de pesquisa séria e disciplinada.

Em contra partida, e é bom frisar isso, Bauckham propõe que as aproximações do texto, em especial, dos evangelhos, devem ser mediadas pelo ambiente histórico-cultural mais amplo que compõe os paradigmas daquele tempo. O autor constatou que as interpretações e exegeses, em geral, assumem a existência de comunidades subjacentes ao texto sem ao menos examinar as condições históricas, sociais e culturais que contribuíram para aqueles registros. Bauckham fez uso do termo “dialógico” (de Bakhtin) para explorar

---

<sup>21</sup> Idem, p.24-25.

a literatura bíblica como processo. Assim, os quatro evangelhos, com suas narrativas e teologias distintas, se colocavam dentro do mesmo painel cultural na perspectiva de diálogo. Nesta sentido, o intérprete deve aproximar-se do texto considerando-o “processo” e não simplesmente produto. A ideia do autor é que esses textos apresentavam noções diferentes a respeito de quase todas as questões e, por isso, revelavam caráter de “provisoriedade”, pois estavam inacabados, isto é, em circulação.

A ideia de univocidade e uniformidade dos textos bíblicos, como alguns estudiosos das origens cristãs costumam dizer, já é uma elaboração posterior (entre a metade do século II e o século III). A aparente semelhança entre Mateus, Marcos e Lucas, portanto, deveria ser interpretada como fruto da dissonância existente entre os autores, já que Mateus e Lucas optaram por escrever seus próprios evangelhos, pois possivelmente não concordaram com o documento de Marcos.

A hipótese de Bauckham, conforme o próprio David C. Sim, pode ser ingênua em determinados aspectos, porém, serve como advertência aos estudiosos que admitem a existência das comunidades mateana, marcana, lucana e joanina sem investigações preliminares. Tais designações se assumidas levianamente conferem às hipóteses de origem um sentido de “senso comum”.

É importante notar, ainda, que a proposta de Bauckham se formou em meio às discussões de teoria da interpretação recentes que não se importam com a intenção do autor. Para tais acadêmicos “não é a intenção do autor que conta, mas o que os leitores lêem”.<sup>22</sup> Nas Palavras de Daniel Boyarin, “uma leitura é sempre uma leitura: a abertura de uma janela, e não a contemplação de um espelho”. A partir desse pressuposto, os intérpretes do Novo Testamento são convocados a aproximarem-se da literatura não mais considerando-a retrato fiel do movimento cristão do I século.

Em palestra (2004), J. Konings admitiu que é provável que o surgimento dos evangelhos tenha sido marcado por uma intencionalidade, todavia, ela não significa canonicidade. Falta aos leitores contemporâneos perceber que essa intenção não é mais acessível. Todos esses apontamentos instigantes parecem nos conduzir à teoria da recepção como alternativa. Com o rompimento da ligação entre a intenção do autor e o significado do texto, torna-se necessário conceder relevância tanto para as interpretações tradicionais quanto para a recepção desses textos ao longo da história de sua transmissão.

---

<sup>22</sup> Cf. RICOEUR, Paul. **O único e o singular**. São Paulo: UNESP, 2002. (Coleção Nomes de Deuses). p.30. (Comentando uma obra de arte de Henry Moore, recentemente em exposição na Pinacoteca de São Paulo).

## REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS

Bauckham, Richard. **The Gospels for All Christians: Rethinking the Gospel Audiences**. Eerdmans: Grand Rapids, 1998.

KLINK, Edward W. “The Gospel Community Debate: State of the Question”. In: **Currents in Biblical Research** 3.1, 2004, p. 60-85.

RICOEUR, Paul. **O único e o singular**. São Paulo: UNESP, 2002.

SIM, David C. “The Gospels for All Christians? A response for Richard Bauckham. In: **Journal for the Study of the New Testament** 51, 1998, p. 235-48.

WEBER, Max. “Ciência como vocação”, In: **Ciência e Política**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1995.